

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 4

Atena
Editora
Ano 2020

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 4

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação em suas dimensões pedagógica, política, social e cultural 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-81740-30-6
 DOI 10.22533/at.ed.306201302

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
 3. Educação – Inclusão social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 370.710981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Brinquedo que for dado, criança brinca
brincando com fardado, criança grita
mas se leva pro sarau, a criança rima
(Carnevalli, Rafael, 2015)

A Educação, nas suas diversas dimensões, seja política, cultural, social ou pedagógica, é articular, acompanhar, intervir e executar e o desempenho do aluno/cidadão. As dimensões pedagógicas são capazes de criar e desenvolver sua identidade, de acordo com o seu espaço cultural, pois possuem um conjunto de normas, valores, crenças, sentimentos e ideais. Sobretudo, na maneira de conhecer as pessoas e conhecer o mundo, suas expressões criativas, tudo isto, é um espaço aberto para o desenvolvimento de uma Proposta Pedagógica adequada à escola e de acordo com o disposto na Lei no 9394/96, Título II, Art. 2o: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Diante das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, a escola vem sendo questionada acerca do seu papel nesta sociedade, a qual exige um novo tipo de trabalhador, mais flexível e polivalente, capaz de pensar e aprender constantemente, que atenda as demandas dinâmicas que se diversificam em quantidade e qualidade. A escola deve também desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania. Para isso ela deve articular o saber para o mundo do trabalho e o saber para o mundo das relações sociais. No seu âmbito mais amplo, são questões que buscam apreender a função social dos diversos processos educativos na produção e reprodução das relações sociais. No plano mais específico, tratam das relações entre a estrutura econômico-social, o processo de produção, as mudanças tecnológicas, o processo e a divisão do trabalho, a produção e a reprodução da força de trabalho e os processos educativos ou de formação humana. Nesta nova realidade mundial denominada por estudiosos como sociedade do conhecimento não se aprende como antes, no modelo de pedagogia do trabalho taylorista / fordista fundadas na divisão entre o pensamento e ação, na fragmentação de conteúdos e na memorização, em que o livro didático era responsável pela qualidade do trabalho escolar. Hoje se aprende na rua, na televisão, no computador em qualquer lugar. Ou seja, ampliaram-se os espaços educativos, o que não significa o fim da escola, mas que esta deve se reestruturar de forma a atender as demandas das transformações do mundo do trabalho e seus impactos sobre a vida social. A obra “A EDUCAÇÃO EM SUAS DIMENSÕES PEDAGÓGICA, POLÍTICA,

SOCIAL E CULTURAL” em seus 04 volumes compostos por capítulos em que os autores abordam pesquisas científicas e inovações educacionais, tecnológicas aplicadas em diversas áreas da educação e dos processos de ensino. Esta obra ainda reúne discussões epistemológicas e metodológicas da pesquisa em educação, considerando perspectivas de abordagens desenvolvidas em estudos e orientações por professores da pós-graduação em educação de universidades públicas de diferentes regiões/lugares do Brasil. Essa diversidade permite aos interessados na pesquisa em educação considerando a sua diversidade e na aproximação dos textos percebe-se a polifonia de ideias de professores e alunos pesquisadores de diferentes programas formativos e instituições de ensino superior, podendo também cada leitor se perceber na condição de autor de suas escolhas e bricolagens teórico-metodológicas.

Entendemos que esses dois caminhos, apesar de diferentes, devem ser traçados simultaneamente, pois essas aprendizagens não são pré-requisito uma da outra; essas aprendizagens acontecem ao mesmo tempo. Desde pequenas, as crianças pensam sobre a leitura e a escrita quando estão imersas em um mundo onde há, com frequência, a presença desse objeto cultural. Todo indivíduo tem uma forma de contato com a língua escrita, já que ele está inserido em um mundo letrado. Segundo a educadora Telma Weiz, “a leitura e a escrita são o conteúdo central da escola e têm a função de incorporar à criança a cultura do grupo em que ela vive”. Este desafio requer trabalho planejado, constante e diário, além de conhecimento sobre as teorias e atualizações. Enfim, pode-se afirmar que um dos grandes desafios da educação brasileira hoje é não somente garantir o acesso da grande maioria das crianças e jovens à escola, mas permitir a sua permanência numa escola feita para eles, que atenda às suas reais necessidades e aspirações; é lidar com segurança e opções políticas claras diante do binômio quantidade versus qualidade. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. (GILLES DELEUZE, A literatura e a vida. In: Crítica e Clínica) Finalmente, uma educação de qualidade tem na escola um dos instrumentos mais eficazes de tornar-se um projeto real. A escola transforma-se quando todos os saberes se põem a serviço do aluno que aprende, quando os sem vez se fazem ouvir, revertendo à hierarquia do sistema autoritário. Esta escola torna-se, verdadeiramente popular e de qualidade e recupera a sua função social e política, capacitando os alunos das classes trabalhadoras para a participação plena na vida social, política, cultural e profissional na sociedade.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE NA ESCOLA: O MUNICÍPIO DE ITAPETINGA - BA EM DISCUSSÃO	
Murilo Marques Scaldaferrri Jamine Barros Oliveira Araújo Gabriela Sousa Rêgo Pimentel	
DOI 10.22533/at.ed.3062013021	
CAPÍTULO 2	9
POLÍTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NO ESTADO DO AMAZONAS: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE REGIONAL	
Izoni de Souza Trindade Rosimeri da Silva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.3062013022	
CAPÍTULO 3	20
PRÁTICA EDUCATIVA NO AEE: ADAPTAÇÃO CURRICULAR PARA O ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	
Thalia Costa Medeiros Najra Danny Pereira Lima Mayanny da Silva Lima Gilma Sannyelle Silva Rocha Marcus Vinicius da Rocha Santos da Silva Maria Camila da Silva Mychelle Maria Santos de Oliveira Telma de Jesus Lima Sá Nascimento Mariangela Santana Guimarães Santos Maria Helena Rodrigues Bezerra Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha Ana Paula Carvalho de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.3062013023	
CAPÍTULO 4	34
PRÁTICAS DOCENTES DE LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	
Heronita Maria Dantas de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.3062013024	
CAPÍTULO 5	45
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA	
Nereda Lima de Carvalho Cleres Carvalho do Nascimento Silva Hávila Sâmua Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3062013025	

CAPÍTULO 6	54
PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA: MOVIMENTOS DE INVENÇÃO PARA PENSAR A EDUCAÇÃO E PESQUISAS OUTRAS	
Ana Cláudia Barin Angélica Neuscharank Vivien Kelling Cardonetti	
DOI 10.22533/at.ed.3062013026	
CAPÍTULO 7	69
PROFESSORA OU TIA? IMPRESSÕES DE PROFESSORAS DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE BLUMENAU/SC	
Jessica Rautenberg Júlia Graciela de Souza Antonio José Müller	
DOI 10.22533/at.ed.3062013027	
CAPÍTULO 8	75
PROJETO PEDAGÓGICO CULTURAL: O CARÁTER <i>SUI GENERIS</i> DE UMA ESCOLA RESIDÊNCIA INOVADORA	
Mateus Geraldo Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.3062013028	
CAPÍTULO 9	95
A PROPOSTA DE REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOB O PRISMA DOS ESTÁGIOS MORAIS DE LAWRENCE KOHLBERG	
Vágner Silva da Cunha Silvana Maria Gritti	
DOI 10.22533/at.ed.3062013029	
CAPÍTULO 10	105
RECONHECENDO AS DIFERENÇAS E CRIANDO POSSIBILIDADES: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	
Maria Rosilene de Sena Rosélia Neres de Sena Marques Italo Rômulo Costa Da Silva Arianne Siqueira Marques Melo Tatielli Costa de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.30620130210	
CAPÍTULO 11	113
RECURSOS, ANALOGIAS E ALTERNATIVAS PARA O ENSINO DO ÁTOMO QUÂNTICO NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DE ENCORAJAMENTO	
Danilo Cardozo Flôres Kamilla Rodrigues Rogerio	
DOI 10.22533/at.ed.30620130211	
CAPÍTULO 12	129
REDES E MÍDIAS SOCIAIS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE USO POR DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR	
Wilsa Maria Ramos	

Ravena Nóbrega Bufolo
Maria Julia Bueno Spohr
Lisa Ferreira de Miranda
Lucas Santos Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.30620130212

CAPÍTULO 13 143

REFLEXÕES NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ANDREIA INES DILLENBURG
Aruna Noal Correa
Felipe Pedrozo Maia
Gabriel Marchesan
Mauricio Pase Quatrin
Vanderlan Dupont de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.30620130213

CAPÍTULO 14 158

**REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Mariana Lucas Mendes
Regiane Aparecida da Silva
Cristiane Maria Ribeiro
Cinthia Maria Felício

DOI 10.22533/at.ed.30620130214

CAPÍTULO 15 167

**REFLEXÕES SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE TUTORIA PARA POTENCIALIZAR AS
AÇÕES DE APRENDIZAGEM EM AMBIENTES VIRTUAIS**

Tereza Cristina Mendes Vieira
Grace Fernanda S Nunes

DOI 10.22533/at.ed.30620130215

CAPÍTULO 16 178

**RELAÇÕES ENTRE CURRÍCULO E CULTURA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR
DOS VALORES**

Bianca Silva Martins
Denize Amorim Azevedo Mendes
Josely Ferreira Ribeiro
Vanessa Serafim da Silva

DOI 10.22533/at.ed.30620130216

CAPÍTULO 17 187

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: BREVE INCURSÃO SOBRE A LEI Nº 10.639/2003 E
SEUS DESDOBRAMENTOS NOS DISCURSOS DE DOCUMENTOS OFICIAIS**

Taylon Silva Chaves
Raquel Amorim dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.30620130217

CAPÍTULO 18	194
EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO: UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Débora Cristina Machado Cornélio Paulo Rennes Marçal Ribeiro Heitor Messias Reimão de Melo Fernando Sabchuk Moreira Valquiria Nicola Bandeira Carlos Simão Coury Corrêa Andreza de Souza Fernandes Marilurdes Cruz Borges Melissa Camilo Monica Soares Vanessa Cristina Scaringi	
DOI 10.22533/at.ed.30620130218	
CAPÍTULO 19	216
REVISITANDO A POSSIBILIDADE DE ADOÇÃO POR CASAIS HOMOSSEXUAIS: ASPECTOS CONSTITUCIONAIS E CIVIS DA PATERNIDADE HOMOPARENTAL	
Jacson Gross	
DOI 10.22533/at.ed.30620130219	
CAPÍTULO 20	226
SALA VERDE: ESPAÇO PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Iomar Maria Salina da Costa Leonardo Villela de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.30620130220	
CAPÍTULO 21	239
SER JOVEM E VIVER A JUVENTUDE NO CAMPO: DIÁLOGOS INSURGENTES	
Delson Miranda Santos Jurandir de Almeida Araújo Deyse Luciano de Jesus Santos	
DOI 10.22533/at.ed.30620130221	
CAPÍTULO 22	253
SIMULAÇÕES COMPUTACIONAIS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE FÍSICA	
Cristiane Gomes Guimarães Suellen Cristina Moraes Marques Renan Júnio Miranda Gislayne Elisana Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.30620130222	
CAPÍTULO 23	263
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NO ENSINO DE QUÍMICA	
Eder Alonso Castro	
DOI 10.22533/at.ed.30620130223	

CAPÍTULO 24	273
TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ANÁLISE DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS NA MODALIDADE A DISTÂNCIA	
Carlos Erick Brito de Sousa Dionísia Fernanda Paixão Santos	
DOI 10.22533/at.ed.30620130224	
CAPÍTULO 25	286
UM OLHAR ACERCA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) SOBRE O VIÉS DA EDUCAÇÃO	
Eliana Thomas Lima Cristina de Fátima de Oliveira Brum Augusto de Souza Lucas Capita Quarto José Fernandes Vilas Netto Tiradentes Fábio Luiz Fully Teixeira Fernanda Castro Manhães	
DOI 10.22533/at.ed.30620130225	
CAPÍTULO 26	293
A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NA ESCOLA: UMA QUESTÃO VOLTADA PARA MELHORIA DA QUALIDADE DE ENSINO E APRENDIZAGEM AOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE PATOS-PB	
Maria Helena de Lima Gomes e Martins Luciano de Brito Junior Maria das Graças Veloso Marinho de Almeida Veneziano Guedes de Sousa Rêgo	
DOI 10.22533/at.ed.30620130226	
CAPÍTULO 27	304
UMA VISÃO SOBRE COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA EM CURSOS DE MÚSICA	
Obadias de Oliveira Cunha Helena de Souza Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.30620130227	
CAPÍTULO 28	313
UTILIZAÇÃO DE UM OBSERVATÓRIO SOCIAL COMO FERRAMENTA DE APOIO PEDAGÓGICO E CANAL DE COMUNICAÇÃO COM A SOCIEDADE EM CURSOS TÉCNICOS E TECNOLÓGICOS DE INFORMÁTICA	
Laurentino Augusto Dantas André Carvalho Baida	
DOI 10.22533/at.ed.30620130228	
CAPÍTULO 29	324
VAMOS APRENDER A LER? DISCUTINDO ALGUNS ASPECTOS DO PROCESSO LINGUÍSTICO QUE ENVOLVE A APRENDIZAGEM DA ESCRITA	
Milena Beatriz Vicente Valentim	
DOI 10.22533/at.ed.30620130229	
SOBRE A ORGANIZADORA	338
ÍNDICE REMISSIVO	339

REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Data de aceite: 31/01/2020

Mariana Lucas Mendes

Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos,
ProfEPT
Morrinhos, Goiás
<http://lattes.cnpq.br/3999079381844066>

Regiane Aparecida da Silva

Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos,
ProfEPT
Morrinhos, Goiás
<http://lattes.cnpq.br/4135290761773340>

Cristiane Maria Ribeiro

Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos,
ProfEPT
Morrinhos, Goiás
<http://lattes.cnpq.br/8450101390089471>

Cinthia Maria Felício

Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos,
ProfEPT
Morrinhos, Goiás
<http://lattes.cnpq.br/9383981224780622>

RESUMO: A pesquisa aborda a construção da identidade de gênero em crianças da Educação Infantil, e teve como objetivo analisar como ocorre a relação das crianças com brinquedos. De abordagem qualitativa, este estudo de caso, ocorreu no município de Caldas Novas – GO e utilizou da observação sistemática para coleta

de dados. A postura adotada pelo pesquisador foi de observador não-participante, com registro de diário de campo. Este trabalho apresenta as percepções oriundas da observação das pesquisadoras, onde se descreve as interações desenvolvidas entre as crianças e os brinquedos e se fundamenta teoricamente o trabalho na análise de autores como BUSS-SIMÃO (2013), CAVALCANTI (2018) e SANTOS (2014). Ao final da pesquisa, percebemos que meninos e meninas estabelecem relações diferenciadas com os brinquedos, a partir do conceito de gênero que já possuem.

PALAVRAS-CHAVE: Criança. Brinquedo. Gênero.

REFLECTIONS ON THE CONSTRUCTION OF GENDER IDENTITY IN CHILDREN'S EDUCATION

ABSTRACT: The research addresses the construction of gender identity in preschool children, and aims to analyze how the relationship between children and toys occurs. From a qualitative approach, this case study took place in the municipality of Caldas Novas – GO, and used systematic observation for data collection. The position adopted by the researcher was a non-participant observer, utilizing a field diary record. This paper presents the perceptions derived from the researchers'

observation, which describes the interactions developed between children and toys, and is theoretically based on the analysis and work of authors such as BUSS-SIMÃO (2013), CAVALCANTI (2018) and SANTOS (2014). At the end of the research, we noticed that boys and girls establish different relationships with toys, based on the concept of gender they already have.

KEYWORDS: Child; Toy; Gender.

1 | INTRODUÇÃO

Falar sobre identidade de gênero e sexualidade é sempre um desafio, e torna-se ainda maior quando o sujeito de nossos estudos são crianças da Educação Infantil. Por mais famosa e conhecida que seja a célebre frase de Simone de Beauvoir, onde a mesma afirma “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, logo no início do seu livro, cujo primeiro capítulo curiosamente chama-se Infância, poucos compreenderam o processo de construção histórica que esta frase evidencia. A verdade é que não nascemos homens ou mulheres, somos moldados para isso, construídos historicamente, mesmo durante a gestação para assumir esta identidade, que vem determinada pela nossa formação biológica e carregada de normativas culturais. Desta forma, antes mesmo de nascermos já temos um nome, um enxoval azul ou rosa e vários outros moldes que vão nos definir como homem ou mulher. Do momento do nosso nascimento até por volta dos dois anos de idade, experimentamos o mundo de forma muito singular e subjetiva, sem ainda termos consciência dos rótulos construídos a nossa volta, uma vez que ainda não temos nem ao menos percepção de nós mesmo por inteiros (BUSS-SIMÃO, 2013).

Muito antes de aprender que “homens tem pênis e mulheres tem vagina”, a criança já se identifica enquanto menino ou menina. O que deixa claro, portanto, que a associação à identidade de gênero está mais fortemente associada às relações sociais das quais a criança participa do que as suas características biológicas. Devemos ter em mente que aos falarmos das relações sociais construídas em torno desta criança, não podemos considerá-la apenas como mero receptáculo das interações com os adultos, mas sim como “sujeito histórico, social e cultural, que atua no ambiente em que vive” (CAVALCANTI, 2018), capaz de alterá-lo.

Durante muito tempo, a criança foi negligenciada pela ciência e destituída de direitos. Os estudos, tanto nas ciências sociais como humanas, que trazem a criança e a infância como objetos de estudos são recentes, e começaram a ganhar espaço a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, e da expansão da Educação Infantil, a partir de 1994. Ao fazer uma análise deste processo de expansão da Educação Infantil, Cavalcanti (2018) ressalta que de acordo com inúmeras pesquisas documentais, apesar de que desde 1998, o Referencial

Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) já apresentar instruções claras para o combate a reprodução de padrões estereotipados, na prática o que ocorre em grande escala é um reforço destes estereótipos.

Porém, muitos autores afirmam que a Educação Infantil é um forte aliado para a desconstrução do patriarcado. Santos (2014) ao citar os estudos de Rosemberg (1996) e Finco (2008) afirmam que no espaço da Educação Infantil, longe dos olhares da família, a criança torna-se um sujeito social mais ativo, junto aos seus pares, com os quais desenvolve relações sociais, costuma agir de forma mais autônoma e autossuficiente chegando muitas vezes até transgredir, extrapolar e ressignificar os sentidos daquilo que vivenciam.

Sendo a Educação Infantil este espaço de relação social da criança, onde muitas vezes ela constrói sua identidade, este trabalho buscou através da observação de diferentes turmas do Centro Municipal de Educação Infantil Santa Ana, do município de Caldas Novas - GO, e da relação dessas crianças com os brinquedos, identificar os sentidos por elas desenvolvidos quanto a identidade de gênero e suas relações de poder.

O objetivo do trabalho foi por tanto, analisar por meio da observação estruturada, como ocorre a relação das crianças com brinquedos, de acordo com concepções de gênero por eles previamente constituídas.

2 | PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa realizada com as turmas do Berçário II, Maternal I e Maternal II, desenvolvida no Centro Municipal de Educação Infantil Santa Ana, que integra a rede municipal de Educação Infantil de Caldas Novas – GO tem abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso único.

Para determinar esta pesquisa como qualitativa, nos pautamos nos parâmetros estabelecidos por Bogdan e Biklen e discutidos por Lüdke e André (1986), onde os autores afirmam que o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente ou a situação investigada e a descrição rica de pessoas, situações e acontecimentos são características de pesquisa desta natureza. Sobre o estudo de caso, os autores o caracterizam pela sua delimitação específica, com sujeitos previamente determinados e que busca a observação de relações bastante próprias daquele grupo.

Tanto a abordagem qualitativa quanto o estudo de caso, encaixam-se muito bem em pesquisas realizadas no ambiente escolar, pois permitem maior interação com os sujeitos e com o meio e uma melhor percepção da realidade específica do local onde ocorre o estudo. No caso deste estudo específico, para percepção dos sentidos formulados pelas crianças de suas identidades de gênero através das relações estabelecidas com os brinquedos, considerou-se a observação sistemática

ou estruturada a melhor opção para analisar as diversas reações e interações esboçadas pelas crianças frente às situações apresentadas. Para que esta observação permanecesse a mais pura possível, a postura assumida pelo pesquisador foi da observação não-participante, partindo das considerações de Marconi & Lakatos (pg.195, 2011) de que “o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora”, atuando como espectador, que presencia o fato, mas não atua sobre ele.

Esta observação ocorreu em grupos, primeiramente definidos pela turma, e no segundo momento definido pelo sexo das crianças. Foram observadas ao todo 35 crianças, entre idade de 2 e 4 anos, das turmas do Berçário II, Maternal I e Maternal II, sendo que cada turma foi observada separadamente. Foi encaminhado aos pais um termo de consentimento para a participação da criança na pesquisa, onde constava o tema trabalhado, a forma como ocorreria a observação e os contatos das pesquisadoras e professoras envolvidas.

Foi estabelecido um roteiro para trabalhar duas situações específicas com cada turma. Em uma sala comum da instituição, a turma foi apresentada primeiramente a duas opções de brinquedos (carrinhos e bonecas) dos quais podiam escolher livremente, e na segunda situação, as crianças separadas por sexo, foram expostas há apenas uma opção de brinquedo (carrinho para as meninas e bonecas para os meninos). Os brinquedos foram dispostos igualmente nas duas situações, espalhados no chão, ao alcance das crianças que foram chamadas a brincar, sem mais nenhuma orientação sobre qual escolha fazer. O pesquisador utilizou apenas um diário de campo, para registrar a reação e falas das crianças, não houve registro audiovisual, por questões éticas que não seriam pertinentes para a pesquisa neste momento.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Análise dos Dados: Berçário II

Os resultados da pesquisa serão apresentados, turma por turma, por relato de experiência, com base nas percepções anotadas pelo pesquisador no diário de campo. A primeira turma a participar da coleta de dados, foi o Berçário II, que conta com 17 crianças de 02 anos, dos quais apenas 10 participaram da observação.

No total, são 08 meninos na turma, porém apenas 04 foram autorizados a participar da pesquisa. A princípio, seriam 05 meninos, porém o pai, posteriormente voltou atrás, dizendo-se desconfortável com o tema abordado pela pesquisa. As meninas do Berçário II são 09 no total, e dessas, 08 tiveram autorização para participar da pesquisa. Na primeira situação, a turma do Berçário II, foi levada para a sala, onde os meninos e meninas encontraram carrinhos e bonecas dispostos no chão. Todos os meninos escolheram o carrinho, ignorando a presença das bonecas.

Já as meninas, observou-se que elas pegaram os dois brinquedos simultaneamente, sem distinção.

Na segunda situação, as crianças foram separadas em dois grupos: meninos e meninas, e foi oferecida a eles apenas uma opção de brinquedo: bonecas para os meninos e carrinhos para as meninas. Dos meninos, 50% se recusaram a brincar com as bonecas. Observaram os outros coleguinhos pegarem as bonecas e irem brincar, e notando a ausência de outras opções de brinquedos, ficaram por alguns segundos olhando para as bonecas e olhando para a pesquisadora. Esta, por sua vez, se manteve em silêncio, aguardando a tomada de decisão dos alunos, que por fim, optaram por não pegar as bonecas.

As meninas por sua vez, na segunda situação, não apresentaram resistência aos carrinhos e conseguiram formular brincadeiras em contextos e histórias coerentes com o tipo de brinquedo.

3.2 Análise dos Dados: Maternal I

O Maternal I tem ao todo 20 alunos, sendo 12 meninos e 08 meninas, entre idade de 03 a 04 anos. Participaram da observação 17 alunos. Apenas, um dos meninos não teve a permissão assinada para participar, os outros dois alunos, não estavam presentes no dia da observação. Na primeira situação, quando apresentados às duas opções de brinquedos, foi possível notar que os meninos ficaram olhando para os carrinhos e combinando entre si quem iria ficar com qual. Nota-se que não cogitaram o possível interesse das meninas em também pegar os carrinhos. Apenas 11% dos meninos escolheu livremente a boneca, porém esta escolha foi feita em segundo plano, quando já estava brincando com o carrinho, pegou uma boneca e colocou dentro da parte de trás do carro, ficando com os dois brinquedos.

Das meninas por sua vez, 25% optaram livremente pelo carrinho. Ao verem as meninas pegarem os carrinhos, os meninos falavam frases, como: “é de homem”, “esse é meu”, “o carrinho não”. No entanto, as meninas não demonstraram nenhum tipo de reação com as falas e continuaram com os carrinhos.

Já na segunda situação, quando os meninos tinham apenas as bonecas como opção, 11% dos meninos não quis pegar boneca. Este ficou olhando para a pesquisadora e perguntou: “já acabou o carrinho?”. A pesquisadora fez um sinal positivo com a cabeça e o menino decidiu por não brincar com as bonecas, foi para o outro lado da sala e ficou olhando os colegas brincarem. Apesar da maioria dos meninos terem aceitado brincar com as bonecas, a pesquisadora percebeu que eles não foram capazes de formular um brincar coerente com a boneca, não foi perceptível a construção de cenário ou história ou de uma utilidade para a boneca dentro do brincar dos meninos. Eles simplesmente não sabiam o que fazer com elas.

As meninas, ao se verem sem a opção das bonecas, não tiveram resistência alguma aos carrinhos e ao contrário dos meninos, foram capazes de formular cenários, histórias e diálogos brincando apenas com ele.

3.3 Análise dos Dados: Maternal II

A última turma a participar da pesquisa tem ao todo 21 crianças, das quais, 15 participaram da observação, todas com mais de 04 anos completos. Nesta turma não foi percebido da parte dos pais rejeição a pesquisa, sendo todos assinaram favoravelmente ao termo de autorização. A turma é composta por 11 meninos, no entanto no dia da observação somente 06 meninos estavam presentes em sala de aula. As meninas são 10 no total, e 09 participaram da pesquisa.

Na primeira situação, nenhum dos meninos optou por pegar a boneca e acabaram por organizar suas brincadeiras em torno apenas do carrinho. Nesta turma, das três observadas foi a única na qual nenhuma menina optou por pegar um carrinho. Todas as meninas optaram pela boneca.

Na segunda situação, ao serem separados, observou-se que 60% dos meninos pegaram a boneca sem hesitação, enquanto os demais ficaram esperando e olhando para a pesquisadora, e quando todos os outros já estavam brincando com as bonecas, eles questionaram “cadê o carrinho?”. A pesquisadora manteve-se em silêncio, um dos meninos então, resolveu pegar uma boneca e juntar-se aos colegas, e logo foi seguido pelos companheiros que também estava relutante. Já as meninas, 20% demonstraram relutância e pensaram antes de pegar o carrinho. Uma delas fez menção à boneca, procurando pela sala onde elas estariam, mas pegou o carrinho ao perceber que as bonecas não estavam disponíveis. O restante das meninas pegou o carrinho sem pensar antes.

3.4 Análise dos Dados: percepções gerais das pesquisadoras

Dos dados coletados e observados nas três turmas, podemos perceber a princípio, através do formulário de autorização, que os pais ainda apresentam certa resistência a abordagem do tema gênero nas escolas, e que isso é mais evidente para as famílias dos meninos, já que de todos as autorizações negadas ou que não apresentaram retorno, 83% eram deles. Os pais veem a palavra “gênero” e já mudam suas feições, mas esta relutância é bastante distorcida e infundada, pois a maioria não tem a menor ideia do que o termo quer dizer, tentam até formular algum questionamento, mas acaba por ser algo do tipo “é sobre aquele negócio que estão falando nas escolas agora?!”

Mesmo dentro do ambiente escolar, desde a proposta da pesquisa até seu término, nota-se por parte de alguns membros do corpo docente certa estranheza

ou resistência ao tema proposto no estudo. A verdade é que como já mencionamos, apesar de resguardado na Lei, abordagens de práticas que contribuam para a desconstrução de conceitos de gênero ou para sua equidade estão longe de serem reais no cotidiano escolar.

Silva et al (pg. 236, 2015) explica ainda que esta inércia por parte da escola, está fundamentada na ausência de formação continuada e que é “necessário que as instituições tenham conhecimento e façam uso desses documentos na construção da sua política curricular e do seu projeto pedagógico.” Porém, mesmo com a resistência e estranheza por parte considerável dos adultos do meio no qual estão inseridos para os conceitos em si tratados na pesquisa, o que foi observado nas crianças reflete um posicionamento bastante controverso aos padrões imposto a eles.

As meninas em especial, tiveram muito mais abertura ao brincar com o carinho, em alguns casos optando por ele primeiramente. Sobre este fato, Gibim e Müller (2018) vão atestar que esse comportamento se deve principalmente ao empoderamento das mulheres, que alterou nas últimas décadas as relações intrafamiliares. Desta forma, as meninas estão habituadas a verem mulheres dirigindo, o que torna para eles o carrinho parte da identidade feminina de referência.

Já os meninos, que optaram por abster-se do brincar por ele estar condicionado as bonecas, revela o processo de constrangimento ou inibição a que esses meninos são submetidos, onde a opção por não brincar (dificilmente concebível por uma criança de 4 anos) possa parecer mais “correta” do que brincar com uma boneca. Mesmo aqueles que se aventuraram com a boneca, apresentaram dificuldade em interagir com elas, não formularam personagens ou histórias, não sabendo muito bem até que ponto lhes era permitido desenvolver alguma atividade com o brinquedo.

Para as meninas, a relutância em brincar com os carrinhos pareceu surgir a partir dos três anos, na turma do Maternal I, quando os meninos começam a expressar posse pelos carrinhos, dizendo que são brinquedos de meninos. Esta disputa de poder sobre os carrinhos gera nas meninas certa relutância por optarem pelos carrinhos como primeira opção de brinquedo, porém não é forte o suficiente para fazê-las desistir de brincar, quando a única opção apresentada é o carrinho, nas turmas aqui em estudo.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se através deste estudo de caso que os sentidos atribuídos pelas crianças sobre identidade de gênero estão desde muito cedo carregados de estereótipos e que, tanto meninos quanto meninas são privados ou induzidos a se abster de determinados brinquedos e experiências por conta dos padrões

de comportamentos impostos a eles. Enquanto os meninos são incentivados a correr, pular, subir em árvores, a serem corajosos; das meninas é cobrado sentar corretamente, ter cuidado, não gritar, etc. Desta forma, reafirmamos a fragilidade e passividade feminina e exaltamos a virilidade masculina.

Os estudos de gênero trazem consigo um estigma muito forte, construído nos últimos anos pelas bases conservadoras em diversos âmbitos da nossa sociedade, que ocasiona relutância por parte das famílias e da escola em abordar o tema. Todo esse cenário que vemos hoje, de deslegitimação dos estudos de gênero estão em processo de construção já há alguns anos e ganham forças através de expressões como “ideologia de gênero” (Miguel, 2016).

Apesar de toda campanha e formulação de teorias contrárias por parte das classes conservadoras, muitos autores, como Gibim & Müller (2018), Therborn (2006) e Castell (1999) afirmam que a propagação dos estudos de gênero é algo incontestável e irreversível.

A família nuclear e heterossexual deixou de ser o padrão de família, passando a conviver com as famílias de pais e mães solteiras, de avós, famílias homossexuais e tantas outras diversas formas. Nessa perspectiva, para estes autores, a família nuclear, como fonte principal de todo o patriarcado, à medida que passa por este processo histórico de reestruturação das relações de poder, tende ao fim do patriarcado.

Já a escola, é peça fundamental para esta discussão e para reestruturação dessas relações de poder. Assim, desde a Educação Infantil, percebe-se a necessidade de pensar a educação de forma integral, para a formação de cidadãos íntegros, no sentido atribuído por Ciavatta (pg. 02, 2008) que “sugere tornar íntegro, inteiro, o ser humano dividido”, livre das amarras dos preconceitos e falácias da sociedade atual.

O processo é longo, vagaroso e por vezes, doloroso. Porém, uma vez experimentada a liberdade que a igualdade e a visibilidade proporcionam, é impossível retroceder. No processo histórico, restando apenas atuarmos da melhor forma possível, até onde nos é permitido para formarmos cidadãos melhores, com menos preconceitos e pessoas mais íntegras, mais conscientes de si mesmas e de suas identidades e papéis sociais.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo II – A Experiência Vivida**. 2º Ed. São Paulo, S. Difusão Europeia do Livro, 1967.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Relações Sociais de Gênero na Perspectiva de Crianças Pequenas na Creche**. Rev. Caderno de Pesquisa. [online]. 2013, vol.43, n.148, pp.176-197. ISSN 0100-1574. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742013000100009>

CAVALCANTI, Fernanda Carvalho. **Questões de Gênero na Educação Infantil: Um Estado do Conhecimento de Teses e Dissertações Identificadas no Portal da Capes no Período de 2001 a 2015**. Publicado em: mar-2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25579>

CIAVATTA, Maria. **A Formação Integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade**. Rev. Trabalho Necessário. Ano 03, n. 03. ISSN 1808-799X. 2005. <https://doi.org/10.22409/tn.3i3.p6122>

GIBIM, Ana Paula Pereira Gomes; MÜLLER, Fernanda. **O que crianças pensam sobre família e relações de gênero?** Rev. Zero-a-seis (Núcleo de Estudos e Pesquisas de Educação na Pequena Infância). ISSN 1980-4512. v. 20, n. 37. pp. 76-94, jan/jun 2018. <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4512.2018v20n37p76>

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Ed. Pedagogia e Universitária. 1986.

MIGUEL, Luis Felipe. **Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro**. Rev. Direito e Práxis, vol. 7, n. 15, 2016, pp. 590-621. Rio de Janeiro – RJ, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=350947688019>

NOSELLA, Paolo. AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. **A Educação Em Gramsci**. Rev. Teoria e Prática da Educação, v. 15, n. 2, pp. 25-33, maio/ago. 2012.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. **Percepção, Interpretação E Negociação Das Relações De Gênero Nas Brincadeiras De Crianças Na Educação Infantil**. Revista Gênero | Niterói | v.14 | n.2 | pp. 149-170 | 1º sem. 2014. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/627/381>

SILVA, Isabel de Oliveira e. LUZ, Iza Rodrigues da. **Meninos na Educação Infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero**. Cadernos pagu (34), jan/jun 2010, pp. 17-39. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n34/a03n34.pdf>

SILVA, Francisca Jocineide da Costa e. MORAIS, Adenilda B. Alves de. SILVA, Karina Ingedy Leite da. CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **“Tu é Menino, tu vai brincar de boneca, é?!” Relações de gênero na educação infantil**. Espaço do Currículo, v.8, nº 2, pp. 232-243, maio/agosto de 2015.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 127, 175, 237, 324, 326, 327, 328, 329, 332, 333, 334, 335, 336, 337

Ambientes virtuais 131, 133, 140, 167, 174

Analogias 113, 114, 117, 118, 122, 123, 124, 127, 277

Átomos 113, 114, 116, 117, 119, 121, 122, 123, 126, 127

B

Brinquedo 158, 161, 162, 164, 294

C

Capitalismo 12, 67, 95, 99, 101

Cartografia 54, 56, 57, 62, 65, 67

Criança 1, 2, 3, 4, 6, 22, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 68, 69, 70, 72, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 106, 111, 112, 133, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 184, 200, 203, 204, 205, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 287, 288, 289, 290, 292, 294, 295, 299, 305, 306, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337

D

Desenvolvimento profissional 129, 301

E

Educação a distância 15, 113, 134, 141, 142, 167, 168, 169, 170, 172, 175, 176, 177, 273, 274, 285

Educação de qualidade 9, 26, 28, 49

Educação inclusiva adaptação curricular 21

Educação infantil 4, 14, 46, 69, 70, 71, 73, 74, 78, 158, 159, 160, 165, 166

Educação profissional 143, 144, 145, 146, 147, 148, 155, 156, 157, 237, 314, 322, 323

Ensino de química 113, 117, 118, 127, 128, 263, 267, 268, 269, 270, 272

Escrita 12, 13, 16, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 110, 120, 135, 151, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 332, 333, 334, 335, 336, 337

Estágios morais 95, 101, 102, 103

Estratégia 3, 4, 7, 8, 53, 117, 167, 214, 236, 320

Exclusão 45, 99, 101, 104, 105, 110, 184, 189, 198, 221, 229, 326, 327

F

Formação de professores 32, 43, 48, 143, 144, 146, 147, 148, 152, 154, 155, 156, 157, 185, 252, 284, 285, 301, 305, 306, 311

Formação em serviço 9, 11, 16, 17

G

Gênero 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 191, 217

Gestão democrática 75, 76, 77, 84, 85, 89, 94

I

Inclusão 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 49, 80, 99, 105, 106, 121, 155, 184, 196, 203, 210, 221, 230, 237, 241, 267, 286, 287, 289, 290, 291, 292, 309

Infância 8, 12, 22, 37, 63, 67, 68, 95, 96, 97, 98, 100, 104, 159, 166, 240, 289

L

Leitura 11, 12, 25, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 50, 51, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 68, 76, 83, 89, 107, 110, 121, 122, 137, 146, 211, 212, 217, 223, 257, 278, 324, 329, 330, 333, 334, 335, 336

Letramento 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 324, 326, 327, 329, 331

Linearidade 75, 85, 88

M

Mídias sociais 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

Modelo quântico 113, 119, 122

P

Paulo Freire 36, 69, 70, 71, 109, 276

Pesquisas em educação e artes 54

Planejamento escolar 28, 75

Políticas de formação continuada 9

Políticas públicas 1, 11, 12, 15, 16, 32, 105, 169, 184, 185, 189, 191, 195, 198, 226, 230, 240, 250, 251, 252, 264, 270, 271, 315, 318, 319

Práticas de uso 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138

Práticas docentes 34, 36, 37, 39, 40, 42, 43, 150, 283

Professora – tia 69

R

Regimento escolar 75, 77

S

Saúde na escola 1, 3, 4, 6, 7

T

Tecnológica 78, 93, 127, 143, 144, 145, 146, 147, 156, 157, 254, 262, 265, 266, 269, 276, 314, 315, 317, 323

Transtorno do espectro autista 20, 21, 22, 23, 33, 286, 287, 288

 **Atena**
Editora

2 0 2 0